



AQUIDABÃ
Encouraçado

Incorporação: 14 de agosto de 1885.

Explosão: 21 de janeiro de 1906.



(Acervo: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha)

Encouraçado construído nos Estaleiros Samuda & Brothers, Inglaterra, sob fiscalização do Chefe de Divisão José da Costa Azevedo, posteriormente Barão de Ladário. Em maio de 1883, foi iniciada sua construção e, apesar do empenho do futuro Barão de Ladário, somente em 17 de janeiro de 1885 foi lançado ao mar em Poplar, Inglaterra, sendo submetido à Mostra de Armamento em 14 de agosto de 1885.

Recebeu do Governo Imperial o nome de *Aquidabã*, em homenagem ao riacho afluente do Rio Paraguai, às margens do qual se travou a batalha de primeiro de março de 1870, que pôs fim à Guerra do Paraguai.



Suas características principais eram: Media 85,40 m de comprimento; 15,86 m de boca; 5,60 m de calado à vante; 5,55 m de calado à ré; 5.029 t de deslocamento. Era armado com quatro canhões de retrocarga Armstrong de 234 mm, em duas torres dispostas diagonalmente; quatro canhões de 146 mm no convés superior, dois na proa e dois na popa; dois canhões de tiro rápido; e 15 metralhadoras Nordenfellt. Tinha cinco portinholas para lançamento de torpedos Whitehead, duas por banda e uma na popa.

As máquinas, caldeiras, paióis de pólvora e bombas hidráulicas para mover as torres, eram protegidas pela couraça do costado de aço, com embolo de madeira, cuja espessura variava de 7 a 11 polegadas, e por um convés também encouraçado de 12 polegadas. As máquinas eram inteiramente independentes, compound, de ação direta e de três cilindros, de 6.200 HP; as caldeiras, em número de oito, estavam instaladas em quatro compartimentos. O navio tinha combustível para 23 dias, andando a dez nós e velocidade máxima de 15,5 nós. As duas torres que giravam com as meias torres eram revestidas com uma couraça de aço de dez polegadas.

Era aparelhado a Galera, com velas envergadas em três mastros e uma só chaminé. Seus planos foram traçados pelo notável Engenheiro Naval Sir Edward Reed, com as modificações de engenheiros brasileiros, Trajano de Carvalho e outros. As máquinas foram construídas pela firma Humphreys & Tenant. A capacidade das carvoeiras era de 600 toneladas em carga natural, de 700 em sobrecarga, permitindo ao navio um raio de ação superior a 4.500 milhas em velocidade econômica. Seu custo, na época, foi de 345 mil libras esterlinas.

Como tipo de navio, foi muito discutido em seu tempo, e os planos mereceram as melhores referências. Entretanto, a propósito de sua couraça, suscitou-se entre o seu primeiro comandante, o Capitão de Mar e Guerra Custódio José de Mello, nomeado a 14 de fevereiro de 1885, e o Almirante Barão de Ladário, que foi o Chefe da Comissão Fiscalizadora, forte polêmica, que ocasionou para o navio o batismo de couraçado de papelão. A ironia da sorte, porém, reservou ao próprio autor desse qualificativo o destino de se abrigar em sua muralha de aço quando em luta contra o governo do Marechal Floriano. Partiu de Londres em 16 de



dezembro de 1885 e, com escalas em Lisboa e Bahia, chegou ao Rio de Janeiro em 29 de janeiro do ano seguinte.

O *Aquidabã* foi um navio que sempre esteve em serviço ativo, fazendo parte das divisões mais importantes que evoluíram ao longo de nossa costa com diversos chefes. Esteve por duas vezes em comissão nos Estados Unidos: a primeira vez comandado pelo Capitão de Mar e Guerra Júlio Cesar de Noronha e arvorando a Insígnia do Almirante Balthazar da Silveira e a segunda, acompanhado dos Cruzadores *República* e *Tiradentes*, sob o Pavilhão do Contra-Almirante Júlio Cesar de Noronha, a fim de representar o Brasil na Revista Naval de Hampton Roads, por ocasião da Exposição de Chicago, durante a presidência de Stephen Grover Cleveland.

Participou do movimento revolucionário de 23 de novembro de 1891, sob a chefia do Contra-Almirante Custódio José de Mello, fazendo um disparo para terra que atingiu o zimbório da Igreja da Candelária. O navio foi chefe no movimento revolucionário de 6 de setembro de 1893, sob a direção do Almirante Custódio José de Mello, sendo comandado pelo Capitão de Fragata Alexandrino Faria de Alencar. Durante esse movimento, por três vezes forçou a barra, sob o canhoneio dos fortes da entrada, sem maiores danos, e foi, finalmente, atingido pela Torpedeira *Gustavo Sampaio*, a 16 de abril de 1894, na barra norte de Santa Catarina, quando guardava o Porto do Desterro e, sozinho, assistia aos ataques da Flotilha legalista, resultando-lhe enorme avaria.

Abandonado, foi aprisionado pela Esquadra adversária, recebendo do Almirante Jerônimo Gonçalves o nome de *Dezesseis de Abril*, homenageando a data do combate em que ocorreu sua prisão, sendo substituído pouco depois pelo de *Vinte e Quatro de Maio*, maior batalha campal da América do Sul – Tuiuti, para voltar ao primitivo nome, depois de acalmados os ânimos políticos, por Aviso de 19 de Abril de 1898.

Ligeiramente reparado, foi trazido para o Rio de Janeiro e, em seguida, enviado, sob o comando do Capitão de Mar e Guerra Nunes Belfort, para sofrer os reparos necessários no casco e máquinas, nos Estaleiros alemães da Companhia Vulcan, em Sttetin, e na artilharia nos de Elswick, em Newcastle-on-Tyne, na Inglaterra.



Com a reforma que sofreu, terminada em 1897, o armamento do navio passou a ser: de quatro canhões de 203 mm, modelo Armstrong, nas duas torres, cujos aparelhos foram todos reparados; e mais quatro de 120 mm, tiro rápido, do mesmo modelo; além de oito de menor calibre para defesa contra torpedeiras; e quatro automáticos Maxim no passadiço. A cinta couraçada era de 11 polegadas com embono de 2 pés acima da linha d'água. A proteção das torres era de 11,5 polegadas do mesmo aço compound. A torre de comando tinha 10 polegadas de espessura, recebendo nessa reforma dois mastros militares.

O ano de 1903 marcou a fase de renovação na Marinha. O *Aquidabã*, exceto na artilharia das torres, que era considerada excelente, tinha pouca marcha e precisava ser modernizado. As reformas foram realizadas no Dique Santa Cruz, na Ilha das Cobras.

Obedecendo à doutrina corrente do não armamento dos encouraçados com tubos de torpedo acima da linha de flutuação, à frente da qual estava o Estado-Maior Naval Estadunidense, foram retirados os dois tubos ainda assim posicionados no *Aquidabã*, e também os dois pesados mastros militares, permanecendo apenas um mastro de sinais.

Nesta terceira fase, o encouraçado serviu em experiências de telegrafia sem fio, tendentes a introduzir na Marinha a modernização das comunicações, realizando também diversas viagens de instruções.

Ainda em 1903, fez uma viagem de 20 dias com aspirantes até a Ilha Grande de São Sebastião e Santos. A 5 de Abril de 1904, zarpou novamente com guardas-marinha. De volta, entrou no dique saindo a 22 de junho. Foi o “navio chefe” de diversos almirantes, fazendo várias viagens ao longo da nossa costa, em instrução de aspirantes e guardas-marinha e esquadras de evoluções. Em 1906, fazia parte da Primeira Divisão Naval chefiada pelo Contra-Almirante Rodrigo José da Rocha. Num dos seus cruzeiros à Ilha Grande, sob o comando do Capitão de Fragata Arthur da Serra Pinto, abalroou o Cruzador *Trajano*, sofrendo pequenas avarias.

Partiu para a Ilha Grande na tarde de 20 de janeiro de 1906, fazendo exercícios e experiências de telegrafia sem fios com o posto da Ilha das Cobras, indo fundear na Enseada das Palmas à meia-noite. Na tarde do dia 21, recebeu ordem para ativar os fogos e, seguindo



as águas do navio almirante, fundeou na Enseada de Jacuacanga. Uniu-se à divisão comandada pelo Almirante Rodrigo José da Rocha, que ali se encontrava com o objetivo de concluir os estudos para o estabelecimento do Arsenal de Marinha – o chamado Projeto do Porto Militar – pois a Armada, em fase de renovação, necessitava ser apoiada por modernas instalações para construção e reparos, e a Ilha Grande preenchia satisfatoriamente os requisitos necessários à instalação do porto.

Na noite do dia 21 de janeiro de 1906, às 20:45, ocorreu uma explosão no paiol de munições da torre de ré do navio bipartindo-o e afundando-o, primeiro a ré e o restante em poucos minutos. Os socorros foram imediatamente prestados, mas, prejudicados pelos redemoinhos, o *Aquidabã* submergiu com 212 homens de sua tripulação, inclusive parte da Comitiva Ministerial que procedia a estudos sobre a localização do novo Porto Militar, seu comandante e grande parte da oficialidade. Salvaram-se 96 pessoas. Entre os mortos, os Almirantes Francisco Calheiros da Graça, Rodrigo José da Rocha e João Cândido Brazil; o comandante Capitão de Fragata Arthur da Serra Pinto; e o imediato, Capitão-Tenente Luiz Henrique de Noronha.

Em 1913, rendendo homenagens às vítimas do desastre, foi inaugurado, em Angra dos Reis (RJ), um monumento para onde foram transferidos os despojos das vítimas, com o consentimento de suas famílias.

Foram seus Comandantes:

Capitão de Fragata Eliezer Coutinho Tavares	04/06/1884 a 14/02/1885
Capitão de Mar e Guerra Custódio José de Mello	14/02/1885 a 13/12/1886
Capitão de Mar e Guerra Joaquim Antônio Cordovil Maurity	13/12/1886 a 02/10/1889
Capitão de Fragata João Justino Proença (interino)	02/10/1889 a 07/04/1890
Capitão de Mar e Guerra Dionysio Manhães Barreto	07/04/1890 a 09/05/1890
Capitão de Mar e Guerra Júlio Cesar de Noronha	09/05/1890 a 19/08/1891
Capitão de Mar e Guerra Eliezer Coutinho Tavares	19/08/1891 a 16/09/1891
Capitão de Mar e Guerra Júlio Cesar de Noronha	16/09/1891 a 19/09/1891
Capitão de Mar e Guerra Eliezer Coutinho Tavares	19/09/1891 a 25/11/1891



Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha



Capitão de Fragata Rodrigo José da Rocha	25/11/1891 a 27/09/1892
Capitão de Mar e Guerra Gaspar da Silva Rodrigues	27/09/1892 a 03/08/1893
Capitão de Fragata José Manoel Pereira Sampaio	03/08/1893 a 09/10/1894
Capitão de Mar e Guerra Álvaro Nunes Belfort	09/10/1894 a 29/03/1898
Capitão de Fragata Joaquim José Rodrigues Torres	29/03/1898 a 01/12/1898
Capitão de Fragata José Gonçalves Leite	01/12/1898 a 25/05/1899
Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça	25/05/1899 a 23/06/1900
Capitão de Fragata João de Andrade Leite	23/06/1900 a 14/11/1900
Capitão de Mar e Guerra Francisco Calheiros da Graça	14/11/1900 a 29/05/1901
Capitão de Fragata Arthur da Serra Pinto	29/05/1901 a 21/01/1906